



Mandiocada e o circuito da dádiva: o trabalho coletivo de mulheres nos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé (AL), Brasil

Fabiana de Oliveira Lima  
Universidade Federal de Alagoas

Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa  
Universidade Federal de Sergipe

Bárbara Kelly Félix da Silva  
Universidade Federal de Alagoas

Shirliane Maria da Silva  
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

A mandiocada é um movimento potente, um evento cultural, social e econômico, que acontece em diversas comunidades rurais do Brasil. Ela se desenha em cada etapa do beneficiamento da mandioca, desde a sua colheita, sendo trazida para a casa de farinha, descascada e passando por processos diversos, como a prensa, separação e produção da farinha, entre outros alimentos. Na microrregião Penedo, ao sul do estado de Alagoas, nas comunidades rurais e quilombolas Tabuleiro dos Negros e Sapé, a mandioca é parte da história de vida das pessoas, principalmente das mulheres que conduzem a maior parte do processo e são as figuras centrais das mandiocadas. Nosso principal objetivo é apresentar a mandiocada e o movimento desenvolvido por essas mulheres negras enquanto circuito da dádiva, num processo de trocas simbólicas e essenciais para a manutenção de seu sustento e de sua tradição – caminhos que se confundem e nos levam a refletir sobre a condição dessas camponesas com imprescindível papel na transmissão de seus saberes tradicionais.

Palavras-chave

Mandiocada. Mulheres quilombolas. Circuito da dádiva. Comunidades rurais.

Mandiocada and circuit of the gift: collective women's labor in the villages of Tabuleiro dos Negros and Sapé (AL), Brazil

La mandiocada y el circuito de la dádiva: el trabajo colectivo de mujeres en las comunidades de Tabuleiro dos Negros y Sapé (AL), Brasil

Abstract: The “mandiocada” is a powerful movement, a cultural, social, and economic event that takes place in various rural communities across Brazil. It unfolds at each stage of cassava processing, from its harvest, being brought to the cassava flour mill, peeled, and going through various processes such as pressing, separation, and the production of flour and other foods. In the Penedo microregion, in the south of the state of Alagoas, in the rural and quilombola communities of Tabuleiro dos Negros and Sapé, cassava is part of the life history of the people, especially the women who lead most of the process and are the central figures of the “mandiocadas”. Our main objective is to present the “mandiocada” and the movement developed by these Black women as a circuit of the gift, in a process of symbolic exchanges that are essential for maintaining their livelihood and tradition – paths that intertwine and lead us to reflect on the condition of these peasant women, who play an indispensable role in transmitting their traditional knowledge.

Keywords: Mandiocada. Quilombola women. Circuit of the gift. Rural communities.

Resumen: La “mandiocada” es un movimiento potente, un evento cultural, social y económico, que ocurre en diversas comunidades rurales de Brasil. Se desarrolla en cada etapa del procesamiento de la yuca, desde su cosecha, siendo llevada a la casa de harina, pelada y pasando por diversos procesos como el prensado, separación y producción de harina y otros alimentos. En la microrregión de Penedo, al sur del estado de Alagoas, en las comunidades rurales y quilombolas de Tabuleiro dos Negros y Sapé, la yuca forma parte de la historia de vida de las personas, especialmente de las mujeres que lideran la mayor parte del proceso y son las figuras centrales de las “mandiocadas”. Nuestro principal objetivo es presentar la “mandiocada” y el movimiento desarrollado por estas mujeres negras como un circuito del regalo, en un proceso de intercambios simbólicos esenciales para el mantenimiento de su sustento y su tradición, caminos que se entrelazan y nos llevan a reflexionar sobre la condición de estas campesinas, que desempeñan un papel imprescindible en la transmisión de sus saberes tradicionales.

Palabras clave: Mandiocada. Mujeres quilombolas. Circuito del regalo. Comunidades rurales.

Introdução

A mandiocada é um movimento potente, um evento cultural, social e econômico, que acontece em diversas comunidades rurais do Brasil. Ela se desenha em cada etapa do beneficiamento da mandioca, desde a sua colheita, sendo trazida para a casa de farinha, descascada e passando por processos diversos, como a prensa, separação e produção da farinha, entre outros alimentos. Apesar de sua relevância para a organização social nesses grupos, ela ainda é pouco estudada. Uma de suas principais características é o fluxo de receber força de trabalho, dar e retribuir essa mesma força nas mandiocadas daqueles que se fizeram presentes. Essa dinâmica de dar, receber e retribuir, continuamente, entendendo-se parte de um coletivo é característica de um sistema de trocas, como reconhecemos no circuito da dádiva.

Na microrregião Penedo, ao sul do estado de Alagoas, a mandioca é parte da história de vida das pessoas, principalmente das mulheres que conduzem a maior parte do processo. Lá estão situadas duas comunidades quilombolas, certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Elas são comunidades que se confundem socio e culturalmente, em alguns aspectos, e sua delimitação territorial está relacionada aos limites geográficos dos municípios de Penedo e Igreja Nova. São as comunidades Tabuleiro dos Negros e Sapé, respectivamente. Como muitas comunidades que abrigam afrobrasileiros, as suas histórias de origem não são bem definidas, são contadas e recontadas, recortadas, desidratadas ao longo dos anos de existência. Porém, num movimento como a mandiocada, é possível percebermos diversos elementos que apontam as estratégias de resistência, transmissão de saberes tradicionais, sobrevivência e sim, esperança por dias melhores.

O Tabuleiro dos Negros é formado por canaviais e por uma grande vegetação, tais quais as roças com as mandiocas cultivadas pelos residentes, que plantam para venda e consumo. O povoado Sapé, por sua vez, é localizado depois do Tabuleiro dos Negros (partindo do centro de Penedo), com uma grande vegetação e uma lagoa no meio da comunidade. De acordo com os relatos dos moradores, após uma briga por liderança, alguns dos escravizados fugitivos se desentenderam e foram construir suas moradias na outra parte alta da região, que hoje é denominada de Sapé.

O que unifica esses povoados, além da história de ocupação, são as práticas das mandiocadas e o movimento de permanecer contemplando o ciclo da dádiva, pois ambos estão inseridos anualmente nas casas de farinha, fazendo com que as histórias e costumes dos moradores permaneçam vivas para quem reside e para quem visita. No contexto de pessoas negras ocupando esses territórios, não podemos esquecer da luta diária por liberdade de espaço e aceitação mediante as classes de trabalho, Simplicio (2022) esclarece que:

Os quilombos no Brasil são considerados como espaços de organização de comunidades negras que, dentro das suas tradições, modos de vida e histórias, funcionam como territórios de partilha, de encontro entre homens e mulheres que existem na construção de laços de afetividade, irmandade e de bom convívio. Para tanto, lutando contra o preconceito social e racial a que sempre foram obrigados a conviver ao longo da história dado o legado da escravidão (Simplicio, 2022, p. 13).

Dentre as muitas histórias que ouvimos dessas comunidades, contadas pelas participantes quilombolas de duas associações exclusivamente compostas por mulheres, poderíamos ter aquelas vividas e narradas pelas irmãs Bibiana e Belonísia, do romance de Itamar Vieira Júnior – Torto Arado (2019). São aquelas que veem gerações vivenciando a lida com a terra da qual nunca terão posse, embora a cultivem com

devoção diariamente; que aprendem a lidar com indiferença, violência, autoridades e austeridades, enquanto costuram a sua história e transmitem sua sabedoria aos descendentes, acreditando na potência da vida.

Nesse contexto, este artigo se apresenta como fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica, edital PIBIC (PVCA 2011-2023) ciclo 2023-2024, da Universidade Federal de Alagoas, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Alagoas (FAPEAL), cujo título é “Mulheres quilombolas, resistência e Mandiocada: o circuito da dádiva nos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé na microrregião Penedo-AL”. Nosso principal objetivo é apresentar a mandiocada e o movimento desenvolvido por essas mulheres negras enquanto circuito da dádiva, num processo de trocas simbólicas e essenciais para a manutenção de seu sustento e de sua tradição – caminhos que se confundem e nos levam a refletir sobre a condição dessas camponesas com imprescindível papel na transmissão de seus saberes tradicionais.

Para desenvolver esta pesquisa foi escolhida como metodologia uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas próprias do método etnográfico, mais especificamente, o trabalho de campo nas duas comunidades citadas, realizando entrevistas semiestruturadas, observação e registro de mandiocadas, anotações de campo e sistematização das informações coletadas a partir do método de análise do discurso do sujeito coletivo (DSC).

Seguindo o contexto dos objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete mulheres que frequentam as mandiocadas com um roteiro de perguntas semia-berto. Usando esse mesmo roteiro, foram realizadas mais duas entrevistas com dois moradores ligados à liderança comunitária, sendo eles o presidente da associação de moradores do Tabuleiro dos Negros e Sapé e o filho da professora mais antiga da comunidade, que guardou e contou as suas histórias de formação e resistência. Essas duas entrevistas não fazem parte do DSC, pois para tal trazemos exclusivamente a fala das mulheres. As entrevistas complementarmos aparecem nas análises de modo geral, sem referência direta. Algumas das entrevistas foram efetuadas nas casas dos entrevistados, outras nas casas de farinhas, sendo todo o processo previamente autorizado pelos interlocutores.

1 Conceitos de referência

1.1 Sobre o circuito da dádiva e a mandiocada

Ao longo dos anos, o assunto sobre o movimento ou circuito da dádiva foi bastante debatido e estudado, e como esse trânsito é notado e vivenciado. Marcel Mauss (2003) definiu a dádiva de uma forma bem ampla, ele explica que não é só presentear ou receber algo de alguém que define esse fato social, vai muito além de herança, de dar esmolas, visitas, festas e ou dar, pagar tributos em forma de dádiva (Lanna, 2000).

Fica claro que o argumento da dádiva é consolidar alianças. Alianças essas que podem ser por motivos políticos, matrimoniais, religiosos, econômicos, jurídicos ou diplomáticos, tudo isso vinculado ao tema principal que é o ponto chave da vivência em sociedade, o movimento dar-receber-retribuir. Mostrando-nos que, quando damos algo a alguma pessoa, criamos um vínculo de retribuição gerando um ciclo infinito.

Através também de outras leituras sobre o ensaio da dádiva e a questão da reciprocidade, compreendemos os pensamentos de Marcel Mauss com a ajuda de Eric Sabourin (2008, p. 131) quando, em seu texto, observa que Mauss evidencia que a dádiva é o “oposto da troca mercantil e, paradoxalmente, procura nela a origem da troca (ou do intercâmbio). De outro lado, mostra a essência da reciprocidade com o caráter universal da tríplice obrigação de ‘dar, receber e retribuir’”. Entendemos e observamos de perto como a dádiva é importante nos ciclos da vida.

Sabourin (2008) enfatiza esse acontecimento através das falas de Mauss e explica que a dádiva não é uma troca de favores, mas sim uma honra para quem retribui. “De fato, para Mauss, nas dádivas, não existe nem troca, nem compra. A dádiva e a contra dádiva, redescobertas por Mauss, pertencem a uma dialética social e econômica polarizada pelo prestígio e pela honra” (Sabourin, 2008, p. 133). Para Mauss (2003, p. 263) “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem respeitos”. Destacando a força das coisas pelo espírito que elas carregam: a criação ou reforço de um laço social.

Nesse sentido, Jacques Godbout (1998), ao analisar a obra de Mauss destaca sua importância enquanto modelo de sistema de ação que não reforça os paradigmas do *homo economicus*, de um afastamento social e das obrigações sociais que supõem uma liberdade (aquela prometida pelo mercado), pois finda dívidas. A perspectiva de dívida na dádiva é diversa: “[ela] é frequentemente acompanhada de uma certa sensação de euforia e da impressão de participar de algo que ultrapassa a necessidade de ordem material” (Godbout, 1998, p. 11).

Por sua vez, a mandiocada apresenta características de um sistema de trocas, um instrumento de “regulação dos níveis de solidariedade”, tal qual ocorre no circuito da dádiva. (Braga Júnior, 2020). Quando uma família recebe as pessoas da comunidade para auxiliarem no trabalho, é feita uma lista de presenças. Os anfitriões terão que participar das respectivas mandiocadas de cada um dos presentes. Podemos notar a dádiva nas mandiocadas, quando as mulheres a cada ano se juntam e participam da farinhada umas das outras, gerando uma responsabilidade afetiva e etapas de ajuda solidária, fazendo com que as mulheres persistam em seus propósitos sociais e econômicos. Durante a mandiocada, há música, troca de experiências, divisão do trabalho e sentimento de pertença, pois “quando uma pessoa é ajudada, ela fica “‘devendo um dia’ à outra” (Araújo, 2019, p. 90), num movimento que reforça a coesão

de grupo. No ciclo da dádiva, as trocas simbólicas unem-se às funções econômicas através da moralidade compreendida pelos grupos envolvidos (Mauss, 2003). Logo, “o paradigma da dádiva é motivado por uma força, um tipo de energia espiritual que condiciona os indivíduos no incessante processo de dar-receber-retribuir” (Braga Júnior, 2020, p. 312).

2 Sobre ser uma mulher negra, camponesa e associada

Bibiana e Belonísia são duas irmãs negras, que crescem numa comunidade, numa propriedade do interior de Minas Gerais, na história contada por Itamar Vieira Júnior. A seus modos, são duas sonhadoras e suas vidas são atravessadas por fachos de esperança e dores montanhosas, com direitos negados, desfavorecidas pela lei, pelos governos e a sociedade. Nasceram e é como se seus destinos estivessem traçados: crescer com as deficiências nutricionais da pouca importância que se concebe a uma criança negra, aprender a lidar com aquilo que garanta sua sobrevivência, reproduzir sua força de trabalho em filhos e pertencer a terra, quando de sua morte, mas essa mesma terra nunca lhe pertencerá de fato. Os quadros que contam as suas vidas nos lembram que ser uma mulher negra impõe um tom natural de enfrentamento ao que lhe é oferecido como opção. Suas histórias se confundem com as das mulheres dos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé.

Nos anos 1970, existia um território extenso, com mais de 4.000 tarefas de terras que pertencia à comunidade Tabuleiro dos Negros e Sapé, que era conhecido como terras de Eréu, a maioria dos moradores que residia nas localidades cultivava as suas terras com plantações de roçado e, durante esse tempo, as terras foram vendidas em duas etapas para a indústria da usina Paísa, que as preencheu com plantações de cana-de-açúcar. Com essa perda, hoje os moradores das comunidades sofrem por falta de terras, os moradores que possuem quintal, utilizam esse espaço para suas plantações, inclusive. A dificuldade de acesso efetivo a posse da terra levou o presidente da associação remanescente quilombola a buscar mais informações sobre a legislação referente e assim tomar conhecimento de um projeto do governo federal: compra das terras de volta aos proprietários e devolução para as comunidades, trata-se da aquisição onerosa de terras, parte do Programa Nacional de Reforma Agrária. O presidente entrou com ação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em 2021, e fez o pedido da demarcação territorial, entretanto a associação está aguardando. Vale ressaltar que, no estado de Alagoas, até esta data, apenas uma das 71 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares teve seu território reconhecido/titulado, a comunidade do Povoado Tabacaria, do município de Palmeira dos Índios.

O plantio, a colheita e o beneficiamento da mandioca são formas de renovação do sentido de existência e resistência coletivas, pois “sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Júnior, 2019, p. 262). Sob essa consciência, as mulheres quilombolas dos dois povoados mantêm a tradição da mandiocada anualmente. O período de plantio da mandioca costuma se iniciar no mês de junho e, após um ano, estará pronta para colher/arrancar, quando também são iniciadas as mandiocadas. Elas participam de todas as etapas, desde o plantio, mesmo que o volume de mandiocas gerado nas terras em que vivem seja pequeno, necessitando muitas vezes, comprar de outros cultivadores das redondezas – essa compra tem ficado cada vez mais frequente.

Nesse caso, as mulheres enfrentam um desafio duplo, cultivando uma terra da qual adquirem os frutos, mas não a posse e, por outro lado, a gestão da casa/filhos criados apenas por elas, na maioria das vezes e ainda a gestão da produção/beneficiamento da mandioca e de outras formas de geração de renda. De acordo com Fischer (2002, p. 05) “[...] observa-se que, basicamente, em todos os níveis de relação com a terra, o fenômeno da (in)visibilidade e subordinação feminina aparece, reafirmando o tratamento desigual entre os sexos”, pois mais facilmente a sociedade reconhece a propriedade masculina. Somando esse cenário sedimentado ao longo dos séculos e o fato de serem mulheres negras, ampliam-se os problemas.

O cotidiano das mulheres negras reincide como se seu movimento fosse muito mais lento que para outros grupos sociais, como das mulheres brancas. As diferenças são abissais e o que o lado menos difundido história nos conta é que a resistência empreendida pela população negra desde a sua chegada forçada pelos escravagistas até os dias de hoje, permitiu em parte a sua sobrevivência, mas há um caminho longo e desafiador a ser perseguido – e não deve ser perseguido sozinho.

Lélia Gonzalez (2020) nos chama atenção para o papel da mulher negra na formação da sociedade brasileira, desde a ama de leite, aquela que cuida, a que serve, a que é “quase da família”, muitas vezes reforçando o estereótipo de que não há racismo onde está esse negro “quase familiar”. Mas é sempre da força de trabalho dessa mulher que dependemos e bem por isso, a colocamos num lugar com a menor mobilidade possível. “Ser negra e mulher no Brasil, [...] é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocaram no nível mais alto de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 58). Portanto, a exploração de sua sensualidade, de sua força de trabalho e de suas mínimas oportunidades, permite que tenhamos um quadro socioeconômico de baixíssima dinâmica e bem difícil de ultrapassar. Por fim, “[...] iniquidades de gênero nunca atingiram mulheres em intensidades e frequências análogas. Gênero se inscreve no corpo racializado” (Akotirene, 2022, p. 28).

As mulheres dos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé vivenciam todas as espécies de desafios e frustrações de muitos de seus esforços, quando buscam emprego nos centros urbanos e são rejeitadas no comércio, mas aceitas para cuidarem de cozinhas e filhos das mulheres com maior poder aquisitivo, recebendo salários abaixo do mínimo; quando para estudarem e obterem uma melhor formação, precisam ultrapassar a barreira da falta de recursos e oportunidades.

O trabalho conjunto e compartilhado é uma das ferramentas para essa caminhada trazer importantes frutos. Elas acabam sendo sua principal rede de apoio, entre si. Trocam saberes e estratégias de resistência. Além disso, “a organização das mulheres nesses grupos em muito contribui para que elas reflitam a respeito de sua própria condição e se descubram plenamente capazes de assumir uma atividade produtiva” (Bruno *et al.*, 2013, p. 218) e de reconhecerem a si mesmas como provedoras, em amplo sentido. Logo, compreendemos a mandiocada como caminho de transmissão cultural e resistência aos cenários que cada vez mais estreitam as oportunidades de mobilidade da mulher negra nas comunidades em questão.

3 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas técnicas próprias do método etnográfico, nomeadamente, o trabalho de campo. Esta técnica consiste na reunião de ferramentas para coleta de caráter qualitativo, como entrevistas semiestruturadas, observação direta, anotações de campo para sistematização, rodas de conversa, histórias de vidas, entre outros. Ela é flexível para a definição de quais ferramentas são mais adequadas e até para a mudança de ferramentas de coleta ao longo do processo, considerando que “a dinâmica para o trabalho de campo abre para o improvável”, conforme pontua Abreu (2021), em seu ensaio sobre trabalho de campo com comunidades negras no Maranhão.

Desse modo, observamos que

A natureza do trabalho de campo não pode descuidar que a experiência pessoal do antropólogo constitui a base da disciplina e representa o elemento-chave do método. A processualidade da construção do conhecimento antropológico se desenvolve inevitavelmente em chave autobiográfica e reflexiva, dando a ver seu caráter negocial e dinâmico, construído segundo uma perspectiva bifocal que leva a encarar os outros através de nós mesmos e nós mesmos através dos outros (Maliguetti, 2004, p. 115).

As pesquisadoras estiveram implicadas no modo e resultados de sua pesquisa. As duas discentes pesquisadoras são mulheres quilombolas, universitárias e residentes nas comunidades estudadas. As técnicas de imersão no campo foram combinadas

com outras perspectivas (Giumbelli, 2002). O campo foi abordado a partir das associações, Associação das Mulheres Agricultoras e Quilombolas dos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé e Associação das Divas. A partir do levantamento bibliográfico e do acompanhamento (com roteiro de observação) de cinco mandiocadas, foi elaborado um roteiro de entrevistas semiestruturadas, aplicado junto às mulheres das associações que estavam dispostas a falar sobre seu cotidiano e enfrentamentos. Também entrevistamos o presidente da associação de moradores dos povoados e com o filho da primeira professora das comunidades. Portanto, além das entrevistas, foram feitas observações e gravações de vídeos de cinco mandiocadas, com roteiro pré-estabelecido e fotografias.

Os dados coletados junto às associadas foram sistematizados e analisados a partir do método de análise do discurso do sujeito coletivo, que “[...] consiste em reunir, em pesquisas sociais empíricas, sob a forma de discursos únicos redigidos na primeira pessoa do singular conteúdos de depoimentos com sentidos semelhantes” (Lefevre, 2009, p. 1.194). Partimos do objetivo proposto a fim de compreendermos e descrevermos parte da voz dessas mulheres.

4 Resultados e discussões

Os dados estão apresentados na sequência feita para sistematização e análise do que foi coletado em campo, suportados no DSC. A partir do roteiro de entrevista aplicado junto às mulheres frequentadoras das mandiocadas dos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé, nossas reflexões acontecem no sentido de compreender sobre a manifestação cultural Mandiocada, também descrever as relações e trocas simbólicas presentes nas manifestações e transformações a partir das suas respostas. Assim, iniciamos questionando sobre o conceito de mandiocada para elas; depois sobre a reciprocidade na mandiocada e sobre a dádiva como obrigação.

Quadro 1 – Ideias centrais sobre o conceito de mandiocada

Entrevistadas/Categorias (ideias centrais)	Conceito de mandiocada	Reciprocidade na mandiocada	Dádiva como obrigação
DSC - síntese	Mandiocada é trabalho que começa na terra. Uma tradição de diversão com dança, canto e conversa, uma terapia.	É o tempo de encontro com os compadres, parentes e amigos. Uma experiência de trabalho e alegria. É um momento de diversão e descontração.	As mulheres se ajudam e essa é a principal dádiva.

Fonte: Elaboração própria (2024).

As frases/sínteses acima são partes de falas das entrevistadas e refletem sobre a relação estabelecida com a terra e a cultura, de modo imbricado. Para manutenção dessa relação, observamos um coletivo que se une, dividindo trabalho e alegria. Posteriormente a esse quadro inicial, debruçamo-nos sobre as demais respostas das entrevistas, analisando a partir das suas sínteses.

a) DSC - Mandiocada é um trabalho que começa na terra. Uma tradição de diversão com dança, canto e conversa, uma terapia.

O trabalho da mandiocada começa no preparo da terra, com o solo úmido entre sol e chuva, limpando-a para fazer o plantio das manivas. Os familiares acordam cedo com o destino de ir à roça exercer o seu cultivo. Após um ano e meio, vem o início da colheita, onde os homens das comunidades se juntam para arrancar a mandioca e a levarem para casa de farinha com a carroça e um burro, conforme a quantidade seja maior, é levada de caminhão.

Na casa de farinha, as mulheres da comunidade esperam a chegada da mandioca para ser raspada, com seus utensílios: banco, pano forrado nas pernas e uma faca para fazer o trabalho manualmente. Sentadas em uma roda, as mulheres trabalham, conversam e cantam, descontraídas. Ir às mandiocadas vai muito além das casas de farinhas, há vários momentos de troca de conhecimento e empatia, tornando-se *uma terapia* (assim designado por elas) que as leva a refletir juntas sobre a realidade vivida, reforçando a tradição da comunidade com um *trabalho que diverte* (conforme descreveram). As mulheres raspam a mandioca e colocam em balaaios, depois dessa atividade, os homens trituram e levam para prensar e retirar todo o líquido, as mulheres que estavam descansando e lanchando, nesse momento voltam, quebram a massa e peneiram para os homens levarem aos fornos e assar.

b) DSC - É o tempo de encontro com os compadres, parentes e amigos. Uma experiência de trabalho e alegria.

Na mandiocada existem momentos em que os vizinhos e amigos reúnem-se para conversar, dialogam sobre a realidade vivida em todo o povoado, acontecimentos no que diz a respeito às suas famílias. Na casa de farinha, de acordo com as observações das mandiocadas, há liberdade para que se comente sobre o que a comunidade tem vivenciado, principalmente da precarização da saúde e a falta de outras infraestruturas necessárias – os principais serviços demandados, mas em outro momento as pessoas lembram como é importante estarem unidas em prol de algo melhor para o coletivo.

Anteriormente, era também momento para que as mulheres contassem sobre suas intimidades, num tom mais leve, incluindo músicas com temáticas de duplo sentido. Atualmente, as músicas e danças seguem um formato menos íntimo. A maioria delas faz parte de uma das associações de mulheres das comunidades – sobre as quais falaremos mais à frente.

c) DSC - As mulheres se ajudam e essa é a principal dádiva.

As mulheres juntam-se para raspar a mandioca com diálogos descontraídos, com danças e cânticos, tendo lanches e bebidas como “refrigerante e vinho”, o que estimula a dança e o canto. Durante as mandiocadas na casa de farinha, a dona da colheita passa o caderno para as mulheres que estão raspando, colocando os nomes das pessoas que estão presentes, no sentido de pagar os dias, colaborando no beneficiamento das colheitas daquelas presentes. Assim, torna-se um ciclo de trocas de colaboração, com o intuito de ajudar uns aos outros. Conforme observado, o movimento de trocas e partilhas funciona como um caminho também de enfrentamento, sem que caminhemos para a romantização de todo trabalho árduo e de baixa remuneração (ou mesmo subsistência). Contudo, o enfrentamento coletivo mostra-se mais forte e contundente, tanto para os desafios econômicos, quanto para os culturais. A consolidação das alianças, conforme observamos na conceituação da dádiva. A seguir, temos um quadro síntese com recortes de falas das entrevistadas.

Quadro 2 – Ideias centrais sobre a história do indivíduo com a mandiocada

Entrevistadas/ Categorias (ideias centrais)	História do indivíduo com a mandiocada	Produções a partir da mandiocada	Sobre ser mulher na mandiocada	Renda e consumo na mandiocada
DSC	Uma relação que começa desde a infância, passada de geração em geração.	A produção é árdua, muito trabalho por no mínimo um ano. A mandioca rende muitos produtos, da farinha, bolos, sequilho, tapioca, beiju. A gente arranca a mandioca, raspa, rala, depois de ralada coloca na prensa, e a gente tira a farinha e a goma, que seria a tapioca.	Uma mulher ajuda a outra, dançamos e cantamos juntas. Hoje, a mandiocada é um espaço de liberdade e não só trabalho.	Pouco lucro, pois fazemos mais para consumo próprio. Quanto mais tarefas de terra, mais lucro depois. Se a terra não é sua, esse lucro não vem.

Fonte: Elaboração própria (2024).

d) DSC - Uma relação que começa desde a infância, passada de geração em geração.

A mandiocada é tradição cultural dentro da comunidade, forma de transmissão de saberes tradicionais ensinados por seus antepassados, mostrando experiência de aprendizado que passa de geração a geração, movimentando o ciclo de conhecimentos vividos através das relações desde o plantio da mandioca até a produção de alimentos, alcançando as práticas de seus costumes, valorizando o trabalho de cada indivíduo na construção de um todo.

Ao frequentar uma casa de farinha, será possível ver uma criança acompanhada de sua mãe ou tia, aprendendo desde cedo as etapas e os ciclos das mandiocadas; é nesse momento que o desejo de continuar frequentando é estimulado e a curiosidade de aprender também. As crianças começam brincando e nesse brincar é inserida a prática de colaborar com seus pais e sua família como um todo, quebrando massa e ajudando a encher os balaies com a massa já peneirada. Com o passar dos anos, na fase da adolescência, continuam com outras funções até chegar à fase adulta, onde terão suas próprias mandiocadas e assim passarão o conhecimento adquirido para seus filhos – mesmo as crianças que quando crescem adquirem uma formação superior, estando em contato com a comunidade, costumam participar de algumas mandiocadas, o que consolida a essência da reciprocidade, que ultrapassa a necessidade material.

e) DSC - A produção é árdua, muito trabalho por no mínimo um ano.

O processo da plantação de todo tipo de raízes requer muito cuidado e atenção, com a mandioca não é diferente. Seja a mandioca para consumo próprio ou para venda, o processo dura em torno de nove meses a um ano. Os donos das plantações precisam limpar o terreno plantado durante o processo de desenvolvimento da mandioca e se certificarem que não há nenhuma praga acabando com brotos. No momento de colher, precisam utilizar equipamentos como enxadas e escavador para conseguirem alcançar as raízes mais profundas, isso antes das seis da manhã, para levarem a tempo de as mulheres rasparem. Normalmente todo o processo em si é muito desgastante, seja acordar cedo para arrancar a mandioca, seja sair tarde da noite, seja até mesmo sair de madrugada das casas de farinha, pois requer muito esforço físico. Além disso, a certeza de baixa remuneração aprofunda os desafios vivenciados.

f) DSC - A gente arranca a mandioca, raspa, rala, depois de ralada coloca na prensa, e a gente tira a farinha e a goma, que seria a tapioca.

O arrancamento da mandioca vem depois da plantação das manivas, onde os homens da comunidade se juntam para arrancar na roça e levar nas casas de farinha,

com intuito das mulheres rasparem para serem cevadas no caititu (uma espécie de ralador, que pode ser manual ou elétrico), virando massa para ser colocada no paiol, que é um local quadrado e cimentado (semelhante a um pequeno paiol descoberto). Destacamos que os donos/donas das farinhadas têm as suas preferências de farinhas, por exemplo; se a massa passar um dia no paiol ou no mesmo dia a farinha é doce e se passar dois ou três dias a farinha é azeda, depois desse processo colocam a massa na prensa, tirando a goma para fazer tapioca, e com a massa enxuta, peneira a ponto de produzir a farinha.

A partir da mandioca, é possível produzir alimentos como bolos de massa puba, tapioca, beiju, sequilho e principalmente a farinha que é bastante consumida pelos moradores, sendo ela doce ou azeda. A maioria dos produtos é feita para consumo e em menor parte, para venda. Dependendo do tamanho da terra que foi cultivada; os produtos que são para venda são bastante procurados pelos visitantes nas feiras e nas comunidades, o que acaba gerando renda.

g) DSC - Uma mulher ajuda a outra, dançamos e cantamos juntas. Hoje a mandiocada é um espaço de liberdade e não só trabalho.

De acordo com as entrevistas, no início das mandiocadas nos povoados, as mulheres eram negligenciadas e proibidas de frequentar as casas de farinhas por ser um trabalho só de homens; as mulheres tinham que ficar em casa preparando as refeições que seriam oferecidas aos homens depois das muitas horas de trabalho. Com o tempo, as mulheres começaram a se incluir nas diferentes atividades das casas de farinha, muito por questões econômicas, fosse pelo abandono da figura masculina, a migração dessa figura para encontrar uma fonte de renda melhor para a família, tornando-as indispensáveis para o ciclo da mandioca.

Hoje não só as mulheres frequentam como muitas vezes fazem as funções dos homens, exemplo disso é que elas aprenderam a sevar (processo para triturar a mandioca), a colocar a massa na prensa, peneirar e levar ao forno, tudo o que antes não era permitido. Além dessa inclusão muitas dessas mulheres conseguem parte de seu sustento através das vendas dos produtos da mandioca, ajudando a criar seus filhos e dando-lhes a oportunidade de um futuro melhor. Com o início das associações de mulheres, elas têm ressignificado a força do trabalho coletivo, mesmo que os desafios permaneçam.

h) DSC - Pouco lucro, pois fazemos mais para consumo próprio. Quanto mais tarefas de terra, mais lucro depois. Se a terra não é sua, esse lucro não vem.

O principal intuito para o cultivo da mandioca é o consumo próprio, pois muitos no povoado não possuem uma quantidade significativa de tarefas de terra para obter

uma colheita generosa e então vender. Aqueles que cultivam para venda, normalmente arrendam terras e possuem alguma renda para pagar pessoas que irão trabalhar nelas. Existem também aquelas pessoas que infelizmente não conseguem ter uma renda fixa para trabalhar na terra, estas por sua vez plantam em seu quintal para consumo próprio.

A desigualdade financeira é rotina nos povoados, entretanto, muitos moradores não se contentam em viver dessa forma e procuram fazer diferentes movimentos para aumentar a renda. Seja vendendo bolo de macaxeira, sequilho, tapioca ou beiju, plantam a macaxeira em seus quintais, ou a mandioca e transformam em diferentes formas de obter incremento do sustento para suas casas.

i) O trabalho associado apontando caminhos.

Observando o trabalho associado, identificamos que, após a fundação de associações de mulheres, sendo a primeira a Associação de Mulheres Quilombolas e Agricultoras dos Povoados Sapé e Tabuleiro dos Negros, em 2019, e a segunda, a Associação das Divas do Sapé, em 2022, tem diminuído a necessidade de deslocamento dessas mulheres para trabalhar nas cidades, seja Igreja Nova, seja Penedo. Elas têm trazido receitas tradicionais de bolos, sequilhos, biscoitos feitos a partir da mandioca e vendido nas feiras locais, para mercados e encomendas particulares. Além disso, desde 2023, passaram a fornecer alimentos derivados da mandioca e hortaliças cultivadas em seus quintais para escolas do município de Igreja Nova, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Portanto, todo trabalho desenvolvido no circuito da dádiva reforça a importância do trabalho coletivo, da manutenção e reforço de laços sociais que sustentam os indivíduos que dele fazem parte quando os desafios cotidianos se impõem. O trabalho conjunto de mulheres amplia essa força de resistência nas comunidades, regula os níveis de solidariedade, dinamiza e enriquece as estratégias para driblar as condições adversas que se apresentem.

Quando falamos das situações adversas, estamos nos referindo a todo contexto que já abordamos na revisão teórica, sobre a mulher negra. O circuito da mandiocada reforça o que conhecemos sobre os desafios diários, as implicações sociais e políticas e a construção de caminhos para outras possibilidades de existência que não só o pesar. Algumas das entrevistadas relataram a dificuldade de conseguir empregos na cidade, mesmo as que tenham a pele mais clara, apenas por comunicarem o seu endereço – por isso, muitas vezes já tentaram dar um endereço da cidade, seja de um amigo, seja parente. Aqueles que têm a pele mais escura não conseguem emprego no comércio, mesmo que possuam a escolaridade exigida para o cargo. O que conseguem são os subempregos como domésticas. Nesse sentido, o trabalho coletivo minimiza algumas adversidades e lança luz para um futuro – talvez ainda distante, infelizmente – em que poderão desfrutar de um cotidiano mais digno.

Como nos traz Carla Akotirene (2022, p. 31),

sem dúvidas, mulheres negras foram marinheiras das primeiras viagens transatlânticas, trafegando identidades políticas reclamantes da diversidade, sem distinção entre naufrágio e sufrágio pela liberdade dos negros escravizados e contra opressões globais.

Essas marinheiras continuam atuando através da mandiocada e de tantos outros meios coletivos, num impulso mútuo, aprendizes e mestras umas das outras, juntas e com alegria, também.

Por fim, compreendemos que a mandiocada é um sistema importante para a manutenção e a transmissão das tradições culturais da comunidade, ao mesmo tempo que se estabelece como modelo de produção para os que dela participam. Constituído-se num circuito que se aproxima daquele destacado por Mauss (2003), presente em todas as sociedades e distante do paradigma mercadológico que estabelece a “liberdade” da dívida como parâmetro para a troca de serviços por moeda; enquanto na dádiva, essa troca se estabelece no fortalecimento dos laços sociais. Para as mulheres dessa comunidade, é um momento de reconhecimento de que são “portadoras da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder” (Gonzalez, 2020, p. 64), considerando que nascem imersas numa realidade de percalços e grandes desafios.

Considerações finais

No cotidiano dos moradores das comunidades quilombolas e nas casas de farinhas, existe e sempre existirá o ciclo da dádiva, alguém disposto a dar-receber-retribuir algo de si mesmo ou receber do doador. Essa compreensão parte de uma das alunas pesquisadoras do projeto, moradora da comunidade Tabuleiro dos Negros e que vivencia a mandiocada desde criança pequena. A experiência de observarmos olhares diversos, de dentro e de fora, sobre o mesmo objeto de pesquisa trouxe importantes aprendizados. Apreendemos que esse ciclo reforça que somos semelhantes e diferentes, tornando os participantes mais próximos, algo que é essencial na sociedade atual, preconceituosa, desigual e intolerante. Por esses motivos, o trabalho se faz pertinente para questionar os padrões e paradigmas sociais e econômicos predominantes, levando-nos a refletir sobre outras possibilidades de enfrentamento.

As mulheres participantes da mandiocada são as mesmas que empunham seu trabalho junto às duas associações referidas na pesquisa. Esses coletivos permitem que tenha havido diminuição do trânsito das moradoras para os centros de Penedo ou Igreja Nova com intuito de trabalhar nas casas de família. Elas têm vislumbrado a possibi-

lidade de produzir e comercializar os resultados materiais das mandiocadas. As duas associações têm produzido tapioca de coco, sequilho, bolo de macaxeira, pé-de-moleque nordestino, bolo de massa puba, cocada, beiju e macasada.

A Associação das Mulheres Agricultoras Quilombolas Pescadoras faz seus produtos para vender na feira de agricultura do município de Igreja Nova e faz parte do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), desse mesmo município. Desse modo, também promove o desenvolvimento econômico dentro de sua tradição cultural. A Associação Diva do povoado Tabuleiro dos Negros produz os seus alimentos para vender dentro da comunidade e, por encomenda, para comunidades vizinhas, porém ela tem buscado um espaço mais adequado para a produção, qualificação e melhores vias de comercialização.

Portanto, compreendemos que a existência das associações tem estimulado uma maior organização na comunidade, tanto de suas mandiocadas quanto dos resultados de sua produção, contribuindo para o estreitamento dos laços sociais e uma melhoria na qualidade de vida, mesmo que ainda muito insipiente em termos econômicos, já com grandes passos no campo social e cultural.

Esse circuito da dádiva é visível nas mandiocadas desde o início quando é cultivada a mandioca, quando trabalham coletivamente, cada um em sua função com reciprocidade – mesmo que não exata, pois a dádiva foge dos determinismos. No sentido de sobrevivência do campo simbólico, para preservar e manter viva a tradição de persistência e resistência contra o preconceito do rebaixamento social, ela existe, pois a mandiocada representa o conhecimento tradicional ancestral vivo, que as comunidades precisam para manter esse ciclo sempre existente.

Na relação da dádiva com a mandiocada, observamos uma clara construção do que é o circuito sociocultural de preservação do simbolismo da resistência nas comunidades, é algo que alimenta as pessoas não só com a mandioca, como espiritualmente – o espírito da coisa. Eles fazem esse circuito da dádiva anualmente porque precisam e isso é realmente significativo para as pessoas residentes, é algo que está enraizado na cultura da comunidade e participar todos os anos remete ao momento de liberdade, aceitação e renovação.

Referências

ABREU, M. O trabalho de campo e suas perspectivas: encontros antropológicos entre pesquisadora e sacerdote no Tambor de Mina. **Etnográfica, Rev. Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 25, n. 3, 2021.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2022.

ALAGOAS. **Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio**. Estudo sobre as comunidades quilombolas de Alagoas. Maceió: SEPLAG, 2015.

ARAÚJO, L. G. **A prática educativa da mandiocada nas comunidades quilombolas Tabuleiro dos Negros e Sapé – Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2019.

BRAGA JÚNIOR, A. Entre o Kula e a Dádiva: confluências e de divergências entre duas categorias de pensamento. **PRACS: Revista eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 13, n. 4, p. 307-315, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 16 abr. 2023.

BRUNO, R. *et al.* Razões da participação das mulheres rurais em grupos produtivos. In: Neves, D; Medeiros, L. (Org.) **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamento políticos**. Niterói, RJ: Alternativa, 2013.

FISCHER, I; GEHLEN, V. **Reforma Agrária: Chão Masculino, Pão feminino**. Rev. Textos para discussão – TPD, n. 130, 2002.

GODBOUT, J. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, v. 13, n. 38, 1998.

GIUMBELLI, E. Para além do ‘Trabalho de Campo’: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, v. 17, n. 48, 2002.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas de população residente com data de referência 1º de julho de 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pene-do/panorama>. Acesso em: 07 jan. 2022.

ITERAL. **Comunidades Quilombolas de Alagoas**. Disponível em <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidades-quilombolas-de-alagoas>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M; MARQUES, M. C. Discurso do Sujeito Coletivo. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, p. 1194-1204, 2009.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de sociologia e política**, p. 173-194, 2000.

MALIGUETTI, R. Etnografia e Trabalho de Campo: autor, autoridade e autorização. **Caderno Pós Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2004.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais-RBCS**, v. 23, p. 131-138, 2008.

SIMPLICIO, N. V. **A constituição de identidades de mulheres quilombolas: território, relações étnico-raciais e culturais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo) – Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró/RN, 2022.